

A 26 de junho de 1583 saiu de Lisboa a armada católica de que era general de mar e terra o marquês de Santa Cruz, Don Álvaro de Bazan, herói de Lepanto. Constava de cento e dois navios, que incluíam galés, galeões, naus grossas e muitos barcos e baixéis de menor grandeza, fretados a diferentes nações. Embarcaram-se nesta poderosa armada 10.000 soldados velhos espanhóis, 1.600 alemães, duas companhias de italianos e uma de portugueses. Depois de passar por Ponta Delgada, onde incorporou mais 2.000 espa-

nhóis, chegou à vista da ilha Terceira, segundo Herrera, a 24 de julho. Bazan mandou bloquear, no porto de Angra, os navios franceses que aí se encontravam, com quatro galés e a armada amanheceu, no dia seguinte, “entranhada” na baía das Mós.

Se a batalha da Salga (1581) é vitoriosa por portugueses e ignorada por espanhóis, esta batalha das Mós é comemorada solenemente na sala das batalhas do Escorial, em Madrid, mas profundamente ignorada na Terceira. Dois dias de recon-

tros permitiram a Filipe I eliminar o último foco de resistência. Por se tratar de um achado fortuito não existem certezas, mas esta grande âncora, recolhida na baía das Mós, poderá ter pertencido à esquadra de Bazan e mostra a imponência dos navios que estiveram envolvidos no confronto.

Esta peça pode ser vista na exposição “Histórias que Vêm do Mar”, organizada em parceria com o OMA (Observatório do Mar dos Açores), que estará patente na Sala do Capítulo do Museu de Angra do Heroísmo, até 29 de Setembro.

